

FICHA TÉCNICA

Título original: *House of Cards*

Autor: *Michael Dobbs*

Copyright © Michael Dobbs, 1989, 2014

Edição original publicada em 1989 no Reino Unido por Collins, uma chancela de HarperCollins

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2014

Tradução: *Maria Fraústo*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 379 972/14

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2014

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

As personagens e os acontecimentos retratados neste livro são fictícios ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não pretendido pelo autor.

PRIMEIRA PARTE

BARALHAR

*N*ada perdura, nada é eterno. Nem o riso, nem a luxúria, nem a própria vida. Nada é eterno. É por isso que aproveitamos ao máximo aquilo que temos.

Para quê desperdiçar uma vida à espera de um epitáfio? «Recordado com carinho.» Só os patetas têm isto gravado por cima da cabeça. É mera incontinência sentimental. Aceitemos os factos, a vida é um jogo de resultado zero e é através da política que decidimos quem ganha e quem perde. E, quer queiramos quer não, somos todos jogadores.

«Respeitado por todos os que o conheceram.» Mais uma choraminguice monumental. Não serve para a minha sepultura. Não é o respeito que motiva o homem mas sim o medo; é assim que se constroem impérios e que se começam revoluções. É este o segredo dos grandes homens. Quando um homem tem medo é esmagado pelos outros e, depois de destruído, o seu respeito virá a seguir. O medo profundo é inebriante, avassalador, libertador.

É sempre mais forte do que o respeito.

Sempre.

1

Quinta-feira, 10 de junho

Parecia-lhe que tinha acabado de regressar a casa, tropeçando exausta no último degrau, e no entanto o sol da manhã já lhe agredia os olhos contornando a cortina para se aninhar na sua almofada. Virou-se, irritada. Tinha a cabeça pesada, os pés doridos e a cama vazia ao seu lado. Ajudar a acabar a segunda garrafa de *Liebfraumilch* tinha sido uma péssima ideia. Tinha deixado cair as defesas, viu-se encurralada por um verme do *Sun* que era todo ele acne e insinuações. Teve de lhe entornar o fim do vinho na camisola para ele a deixar em paz. Deu uma rápida espreitadela debaixo do edredão para ter a certeza de que não tinha feito asneira e de que ele não estava ali escondido. Suspirou, não tinha sequer tido capacidade para tirar as meias.

Mattie Storin dominou a almofada e voltou a ajeitar-se na cama. Merecia mais uns momentos deitada, sabia que na próxima noite não iria dormir. Noite de eleições. Dia de condenação. A vingança dos eleitores. As últimas semanas tinham sido cruéis para Mattie, cercada pelo seu editor, demasiado apertada por prazos, balançando entre o entusiasmo e a exaustão. Talvez depois desta noite pudesse tirar uns dias de folga, pôr ordem na vida, obter mais qualidade, tanto num vinho como num homem para passarem a noite consigo. Puxou o edredão e enrolou-se nele. Apesar do esplendor do sol matinal de verão, sentiu um arrepio.

Era assim desde que deixara Yorkshire, quase um ano antes. Esperava conseguir deixar para trás todas as acusações e toda

a raiva, mas estas continuavam a espalhar uma sombra fria, seguiam-na para todo o lado, especialmente na cama. Tremeu, enterrou a cara na almofada amarrotada.

Tentou ser filosófica. Afinal de contas, já não tinha distrações emocionais, nada que a desviasse do caminho que lhe permitiria descobrir se realmente tinha as qualidades necessárias para ser a melhor entre os jornalistas políticos, num mundo ferozmente masculino. Além de si própria, não tinha mais ninguém com quem se preocupar, nem um gato. Mas era difícil ser filosófica com os pés gelados. E quando não se tem roupa lavada. Atirou o edredão para trás, saltou da cama e verificou que a sua gaveta de roupa interior estava vazia. Tinha calculado mal, esquecera-se, tanta coisa para fazer e tão pouco tempo para fazer tanta coisa, quanto mais para lavar a porcaria da roupa. Procurou noutras gavetas, em todos os cantos, desarrumou tudo, mas não encontrou nada. Raios, estava satisfeita por nenhum homem ter de a ver a fazer isto. Mergulhou no cesto da roupa suja, remexeu-o e descobriu umas cuecas com uma semana de cesto mas apenas um dia de uso. Virou-as do avesso e enfiou-se nelas. Pronta para a luta. Com um suspiro, Mattie Storin abriu a porta da casa de banho e começou o seu dia.

Assim que o crepúsculo começou a instalar-se no céu de junho, quatro conjuntos de focos com lâmpadas HMI de mercúrio acenderam-se com um som seco, iluminando a frente do edifício com uma energia de alta intensidade. A luz brilhante penetrava na falsa fachada georgiana da sede do partido. Uma cortina esvoaçou numa janela do terceiro andar quando alguém foi espreitar o que se passava no exterior.

A borboleta noturna também viu as lâmpadas. Estava à espera que a noite chegasse, descansava numa fenda numa das torres da St. John, a igreja elegante construída por Wren no centro de Smith Square. Há muito que a igreja tinha sido dessacralizada e São João afastado, mas as suas quatro torres de calcário continuavam a dominar aquela praça, agora sem Deus, no coração de Westminster. Olharam para baixo, reprovadoras. Mas a borboleta noturna não. A borboleta tremeu de entusiasmo. Abriu as asas, desenhadas por dez mil watts e por milhões de anos de instinto.

A borboleta noturna furou o ar do anoitecer, conduzindo o seu corpo ao longo daquele rio de luz. Voou sobre as cabeças da multidão que aumentava, para lá da azáfama e do ritmo dos preparativos. Cada vez mais perto, mais perto, voava, ansiosa, apaixonada, errática, ambiciosa, sem ver mais nada a não ser o poder que a atraía, um poder para lá dos sonhos, para lá da resistência. Não tinha opção.

Fez-se um clarão brilhante quando o corpo da borboleta noturna tocou na lente, um milissegundo antes de as suas asas envolverem o vidro abrasador e serem vaporizadas. A sua carcaça carbonizada e negra soltou um pequeno vapor de desespero enquanto caía em direção ao chão. A noite tinha feito a sua primeira vítima.

Outra das vítimas da noite estava a decorar o balcão envernizado do *pub* Marquis of Granby, mesmo ao virar da esquina da crescente confusão. O verdadeiro marquês de Granby fora uma figura militar muito popular havia mais de dois séculos e tinha mais *pubs* com o seu nome do que qualquer outra personagem nacional. Mas o marquês foi derrotado pela política, perdeu o rumo e morreu na miséria e com dívidas. Um destino semelhante está reservado para Charles Collingridge, segundo os seus tolerantes amigos, que são muitos. Não será porque o Charlie Collingridge alguma vez tenha sido eleito, mas o marquês também não fora: naquele tempo, isso não era suposto. Collingridge era um cinquentão gasto, parecia mais velho e não tinha tido uma carreira militar particularmente gloriosa — dois anos no serviço militar obrigatório que pouco mais lhe trouxeram do que um sentimento de incapacidade relativamente à vida. Charlie tentou sempre ser correto mas tinha propensão para acidentes. É o que acontece a quem tem o vício de beber.

O seu dia começara cedo com a barba feita e uma gravata, mas agora a barba começava a aparecer e a gravata estava a meia haste. Os seus olhos disseram ao *barman* que a grande vodca que lhe servira dois copos antes não tinha sido o primeiro do dia. Mas Charlie era um bêbedo simpático, sempre com um sorriso pronto e uma palavra de generosidade. Empurrou o copo vazio, fazendo-o atravessar o balcão.

— Mais um? — perguntou o *barman*, hesitante.

— E outro para si, caro amigo — respondeu Charlie, abrindo a carteira. — Ah! Mas parece que já não tenho que chegue — sussurrou, olhando, incrédulo, para uma nota solitária. Procurou nos bolsos, tirou as chaves, um lenço cinzento e algumas moedas. — Tenho a certeza de que trazia...

— A nota chega — disse o *barman*. — Eu não vou beber, obrigado. Vai ser uma longa noite.

— É verdade, vai ser longa. O meu irmão mais novo, o Hal, sabe quem é?

O *barman* abanou a cabeça e fez deslizar o copo sobre o verniz, contente porque o velho bêbedo não tinha mais dinheiro e em breve sairia do bar.

— Não conhece o Hal? — perguntou Charlie, espantado. — Tem de conhecer — deu um pequeno gole. — Toda a gente conhece o Hal — deu mais um golinho —, é o primeiro-ministro.

2

É muito boa ideia um político ter uma visão. Sim, essa coisa da Visão é essencial. Muito útil, não acha? Num dia de sol, a maior parte dos políticos consegue ver até... Bom, conheço alguns que conseguem ver quase até Battersea.

Francis Ewan Urquhart era um homem multifacetado: membro do Parlamento; conselheiro de Estado, o que lhe valeu o título honorífico de Muito Honorável; ministro da Coroa e comandante da Mais Excelente Ordem do Império Britânico. Era tudo isso, esta era a sua noite e mesmo assim não estava a divertir-se. Foi entalado num canto da pequena sala apinhada de gente, fortemente apertado contra um hediondo candeeiro de pé dos anos 60 que ameaçava desmoronar-se. Foi encurralado por um batalhão de matronas que trabalhavam na sua campanha e que lhe estavam a tapar qualquer possibilidade de fuga, enquanto falavam orgulhosamente dos seus últimos brincos e sapatos apertados. Interrogou-se sobre por que razão se preocupariam com isso. Estavam nos subúrbios de Surrey, a terra das classes sociais A e B segundo a terminologia dos analistas, onde os passaportes estão sempre em ordem e os *Range Rovers* estão sempre à porta. Os *Range Rovers*? Só conviviam com lama quando eram negligentemente estacionados em cima da relva em frente de casa, às sextas-feiras à noite, ou quando despejavam os seus pequenos Johnnies e Emmas nos colégios privados. Por estes lados, a campanha de rua era quase considerada grosseira. Aqui não se contavam os votos, pesavam-se.

— Mais um *vol-au-vent*, Mr. Urquhart? — Uma massa folhada descaída foi depositada à sua frente por uma mulher com excesso de peso cujo busto, envolvido num grande estampado floral, parecia esconder dois gatos desobedientes.

— Não, obrigado, Mrs. Morecombe. Tenho medo de explodir! Num tom impaciente. Era um defeito que já vinha de trás, de há muitas gerações. Os Urquharts eram uma orgulhosa família de guerreiros das Terras Altas da Escócia, com um castelo nas margens do lago Ness, mas os MacDonalds chegaram e agora o castelo está em ruínas. As memórias de infância de Urquhart eram o ar cristalino e revigorante dos campos e ele, na companhia de um velho guia, deitado durante horas sobre turfa húmida e fetos de cheiro adocicado à espera que aparecesse o veado certo. Era assim que imaginava o seu irmão mais velho, à espera dos ale-mães atrás das sebes junto a Dunquerque. O irmão chamara-lhe FU, uma alcunha que por várias vezes lhes custou a ambos uma palmada do pai, Francis só perceberia porquê muitos anos depois. Não se importava, estava feliz por estar a imitar o irmão mais velho. Mas Alastair não voltou para casa. A sua mãe ficou arrasada, nunca recuperou, passou a viver para a memória do filho perdido e negligenciou Francis, e foi talvez por isso que FU veio para o Sul, para Londres. Para Westminster. Para Surrey. Abandonou as suas responsabilidades. A mãe nunca mais lhe falou. Se tivesse trocado a sua herança pela Escócia teria sido imperdoável, mas por Surrey?

Suspirava, até quando sorria. Era a décima oitava vez naquele dia que se reunia com o comité eleitoral e o entusiasmo, que nas primeiras horas da manhã parecia tecer entre eles um manto de boa disposição, há muito que estava esfarrapado e por um fio. Ainda faltavam quarenta minutos para o fecho das urnas quando o último voto foi entregue. A camisa de Urquhart estava suada. Ele estava cansado, desconfortável, encurralado pelo batalhão de mulheres que o perseguiam com uma persistência canina.

No entanto, mantinha o sorriso, porque a sua vida ia mudar, fosse qual fosse o resultado. Urquhart gastara anos da sua vida

a tentar subir a escada do poder, foi *backbencher*¹ e várias vezes ministro adjunto e agora assiste às reuniões do Conselho de Ministros como *chief whip*², um dos mais poderosos lugares no governo. O posto implica ter gabinetes extraordinários no número 12 de Downing Street, a poucos metros do gabinete do primeiro-ministro. Foi no número 12 que dois dos mais celebrados britânicos de sempre, Wellington e Nelson, se encontraram pela primeira e única vez. As paredes transbordavam História e autoridade, uma autoridade que agora lhe pertencia.

Apesar disso, o poder de Urquhart não brotava diretamente do seu cargo público. A função de *chief whip* não implicava o estatuto de membro do Conselho de Ministros. Urquhart não tinha nenhum ministério nem nenhuma grande estrutura do serviço público para comandar; a sua tarefa era anónima, um árduo e infundável trabalho nos bastidores, sem discursos públicos nem entrevistas na televisão. Era um homem da sombra.

Era também um homem da disciplina. Ele era o Impositor, aquele cujo trabalho consiste em pôr os outros na linha. Isto significa que ele não era apenas respeitado mas também um pouco temido. Eram suas as mais perspicazes antenas políticas de todo o governo. Para garantir o voto, dia após dia, noite após noite, tinha de saber onde poderiam estar os membros do seu grupo parlamentar, e isso significava que tinha de conhecer os seus segredos — com quem conspiravam, com quem poderiam estar a dormir, se estariam suficientemente sóbrios para votar, se andariam a meter as mãos nos bolsos de alguém ou na mulher de alguém. Todos estes segredos, com as suas pequenas pontas aguçadas, eram reunidos e guardados num livro negro, fechado num cofre, ao qual nem o primeiro-ministro tinha acesso.

¹ Membro da Câmara dos Comuns ou da Câmara dos Lordes que, não sendo ministro nem orador pelo seu partido, se senta nos lugares menos destacados, os *backbenches*. (NT)

² Membro de um grupo parlamentar escolhido pelo seu partido para liderar o seu grupo de *whips*, deputados responsáveis pela manutenção da disciplina partidária. (NT)

Em Westminster, tanta informação é poder. Muitos membros do seu grupo parlamentar mantinham continuamente o cargo graças à eficácia com que o gabinete dos *whips* resolvia, e ocasionalmente encobria, os seus problemas pessoais. *Backbenchers* rebeldes e *frontbenchers* cegos pela ambição eram levados a mudar de opinião quando lhes recordavam uma indiscrição antiga que o partido teria perdoado mas não esquecido. É espantoso como os políticos se tornam maleáveis quando são confrontados com a possibilidade de que as suas vidas pública e privada entrem em colisão.

Até aquela indigesta alma de Staffordshire, o ministro dos Transportes, um homem que planeava fazer um discurso muito para lá da sua competência e demasiado próximo do território do primeiro-ministro, tinha recuperado o juízo. Bastou apenas fazer um telefonema para as cavalariças da propriedade da sua amante.

— Francis, como é que me encontre aqui?

— Oh, Keith, estou a ser inconveniente? Desculpa, precisava de ter uma conversinha contigo sobre o teu discurso, mas pelos vistos enganei-me no livro de contactos quando procurei o teu número.

— O que é que isso quer dizer?

— Ah, não sabias? Nós temos dois tipos de livro. Um é o registo oficial, o outro... Bom, não te preocupes, o nosso livrinho negro está sempre sob rigoroso controlo. Não volta a acontecer. — Fez uma pausa antes de dizer: — Ou volta?

O ministro dos Transportes suspirou, e parecia sentir-se profundamente melancólico e culpado. — Não, Francis, não volta a acontecer. — Era mais um pecador que se tinha arrependido rapidamente.

O partido estava em dívida para com Urquhart, todos sabiam isso. Depois destas eleições, seria o momento de lhes recordar a dívida.

De repente, Urquhart foi acordado para a realidade por uma das suas devotas senhoras. Os olhos dela estavam cheios de entusiasmo, as bochechas coradas, a sua respiração pesada revelava vestígios amargos de uma sanduíche de tomate e agrião e o seu sentido de recato e discrição foi vencido pelo calor e pela excitação do dia.

— Diga-nos, Mr. Urquhart, quais são os seus planos? Vai manter-se até às próximas eleições? — perguntou num tom desagradável.

— O que quer dizer com isso? — retorquiu, apanhado de surpresa e com o olhar furioso.

— Está a pensar retirar-se? Está com sessenta e um anos, não é? Terá sessenta e cinco ou mais nas próximas eleições — insistiu.

Inclinou para baixo a cara comprida e angulosa, de forma a olhá-la diretamente nos olhos. — Mrs. Bailey, continuo em plena posse das minhas faculdades e em muitas sociedades estaria agora a começar uma carreira política — respondeu com um ar que não revelava o mais pequeno traço de bom caráter. — Ainda há muito por fazer. Há muitas coisas que pretendo alcançar.

Afastou-se dela, sem tentar disfarçar o desagrado, apesar de saber que ela tinha razão. O forte entusiasmo da sua juventude tinha desaparecido há muito; o ouro tornara-se prata, gostava de ironizar. Usava o cabelo demasiado longo, como se isso compensasse. A sua silhueta já não preenchia os fatos de bom corte com a firmeza dos primeiros anos, e os seus olhos tinham-se tornado mais frios após tantos invernos. A sua altura e porte vertical davam-lhe um ar distinto naquela sala cheia de gente, mas um ministro, um homem com quem se cruzara, tinha-lhe dito em tempos que ele tinha um sorriso que parecia a pega de uma urna de cinzas. — E que sejam em breve as tuas cinzas, meu filho da mãe — acrescentou como quem dá um estalo. Urquhart já não estava no início da meia-idade e não conseguia escondê-lo, nem mesmo de si próprio. A experiência já não era uma aliada.

Quantos anos esteve ele a ver homens mais novos e menos talentosos a subir rapidamente? Quantas vezes lhes tinha secado as lágrimas, limpado o rabo e enterrado os segredos para lhes abrir caminho? Sim, estavam em dívida para consigo. Ainda teria tempo para deixar a sua marca, mas tanto ele como Mrs. Bailey sabiam que ele já não tinha a mesma força.

E mesmo assim, enquanto se afastava, ela perseguia-o, massacrando-o sobre o sistema de sentido único proposto para o centro comercial de High Street. Ergueu os olhos, suplicante, e conseguiu assim chamar a atenção da sua mulher, Mortima, que estava

ocupada com banalidades do outro lado da sala. Bastou um olhar para ela perceber que ele precisava de ajuda e apressou-se para se juntar a ele.

— Minhas senhoras, terão de nos desculpar, temos de voltar ao hotel para mudar de roupa antes da contagem. Não tenho palavras para vos agradecer a vossa ajuda. São todas indispensáveis para o Francis.

Urquhart até desencantou um sorriso para Mrs. Bailey, foi como um inseto efêmero, tão breve que quase morreu antes de ser visto, mas foi o suficiente para recuperar a relação. Chegou rapidamente à porta. Estava a despedir-se da anfitriã quando a sua diretora de campanha, que escrevinhava notas ao mesmo tempo que falava ao telefone, lhe fez sinal para parar.

— Está a chegar o resultado das últimas sondagens, Francis — explicou.

— Já me tinha interrogado porque é que isso não aconteceu há uma hora. — Mais uma vez, qualquer indício de boa disposição se desvanecera antes de chegar aos seus olhos.

— Não está tão animador como da última vez — disse ela, corando pela reprimenda. — Parece que muitos dos nossos apoiantes ficaram em casa. É difícil prever, mas suspeito que a maioria não votou. Não consigo dizer quantos.

— O raio que os parta! Merecem levar com a oposição durante uns anos. Talvez isso os faça mexer.

— Querido — disse a sua mulher, como dizia inúmeras vezes —, tens de ser mais altruísta. Com uma maioria de quase vinte e dois mil já podemos ficar para um salgadinho, não podemos?

— Mortima, não estou a sentir-me altruísta. Estou com calor, estou cansado e já tive a minha dose de conversas de corredor. Por amor de Deus, tira-me daqui.

Avançou com passadas largas, enquanto ela acenava despedidas para a sala cheia e via o candeeiro de pé estatelar-se no chão.

O ambiente de ameaça controlada que normalmente dominava o gabinete do editor-chefe tinha desaparecido e fora substituído por uma sensação abrangente de pânico que ameaçava ficar sem

controle. Há muito tempo que a primeira edição tinha ido para impressão, incluindo um grande título de primeira página que dizia: «São e salvos!» Mas isso fora às seis da tarde, quatro horas antes do fecho das urnas. O editor do *Daily Chronicle* tinha arriscado prever o resultado das eleições para que a sua primeira edição ficasse em vantagem sobre os outros quando chegasse à rua. Se acertasse, seria o primeiro a dar a notícia. Se estivesse errado, seria lançado às feras.

Eram as primeiras eleições de Greville Preston no cargo de editor-chefe e não se sentia à vontade. O seu nervosismo notava-se na constante mudança de manchetes, nos seus insaciáveis pedidos de atualização ao departamento de política e na sua linguagem escabrosa. Tinha sido contratado pelo novo dono da *Chronicle Newspapers* com uma única e irredutível exigência: «Vence!» O fracasso não estava previsto no seu contrato e ele sabia que não lhe dariam uma segunda oportunidade — mais uma razão para não mostrar a mais pequena solidariedade para com os outros trabalhadores do *Chronicle*. Quando a direção financeira decidiu aumentar rapidamente os resultados, a consequência foi uma limpeza impiedosa e grande parte do pessoal sénior foi «emagrecido» e trocado por substitutos consideravelmente mais baratos e com muito menos experiência. Foi bom para atingir aquele objetivo, mas péssimo para a moral da equipa. A limpeza fez com que o pessoal sobrevivente se sentisse inseguro, os leitores confusos e Preston com uma eterna sensação de queda iminente, situação que o proprietário não estava interessado em atenuar.

A estratégia de Preston para aumentar a tiragem tinha salvado o jornal, mas ele ainda teria de semear muito para cumprir o objetivo. Era um homem pequeno que tinha chegado ao jornal dando ares de Napoleão mas que tinha perdido tanto peso que precisava de suspensórios para segurar as calças e de litros de café para manter os olhos abertos. A sua aparência, em tempos discreta e elegante, começava a ser eliminada pelas inúmeras gotas de suor que se acumulavam nas sobrancelhas e lhe faziam deslizar os óculos pelo nariz abaixo. Os dedos, que antes batiam na mesa ritmadamente e com força, davam saltos de impaciência. A tentativa cuidadosa-

mente fabricada de mostrar autoridade tinha sido devorada pela insegurança, já não tinha a certeza de estar à altura da situação, de qualquer situação. Tinha até deixado de comer a secretária.

Agora virava a cara à bateria dos monitores tremeluzentes de televisão empilhados numa das paredes do seu escritório e encarava de frente o membro da equipa que lhe estava a dar tantas dores de cabeça. — Como é que tu sabes que isto vai dar para o torto? — gritou.

Mattie Storin não vacilou. Aos vinte e oito anos era a mais nova da equipa de jornalistas políticos, tinha substituído um jornalista sénior caído em desgraça junto dos financeiros devido ao seu hábito de fazer as entrevistas durante infundáveis almoços no Savoy. Além disso, apesar da sua relativa juventude e da sua recente chegada, Mattie tinha uma autoconfiança que os homens menos perspicazes tomavam por teimosia. Estava habituada a que gritassem com ela e não se coibia de responder no mesmo tom. De qualquer forma, era da altura de Preston «e quase tão bonita como ele», costumava ironizar. Que importância tinha se ele passava a maior parte do tempo a olhar para o peito dela? Isso valeu-lhe o emprego e, provavelmente, algumas das suas matérias. Não o considerava uma recompensa sexual. Conhecia a secretária dele demasiado bem para isso e o facto de ser assediada por homens baixos com sórdidos suspensórios vermelhos era o preço que estava disposta a pagar ao vir para o Sul. Se sobrevivesse aqui, poderia fazer carreira em qualquer parte.

Enfrentou-o com as mãos defensivamente postas nos bolsos das suas modernas calças largas. Falou devagar, esperando que a voz não lhe denunciasse o nervosismo: — Grev, todos os membros do governo com quem consegui falar nas últimas duas horas estão a baixar as previsões. Liguei para o assessor de imprensa do círculo eleitoral do primeiro-ministro, que me disse que parece que vão descer cinco por cento. Isto não é propriamente um voto de confiança. Passa-se qualquer coisa, dá para sentir isso. O governo não está «são» e muito menos «salvo».

— E então?

— Então a nossa afirmação é um exagero.

— Bolas! Durante a votação, todas as sondagens diziam que o governo estava garantido com uma margem confortável e agora queres que eu mude a primeira página com base em... em quê? No instinto feminino?

Mattie sabia que a hostilidade dele era uma questão de nervos. Todos os editores vivem à beira do abismo; o segredo consiste em não deixar transparecer. Preston deixava.

— OK — disse. — Nas últimas eleições tiveram uma maioria de mais de cem. Agora diz-me tu o que é que o teu instinto feminino diz que vai acontecer amanhã. As sondagens de opinião preveem cerca de setenta lugares. O que é que a pequena Mattie Storin pensa disto?

Pôs-se em bicos de pés para poder olhá-lo de cima para baixo. — Acredita nas sondagens se quiseres, Grev, mas não é isso o que se está a passar na rua. Não se vê entusiasmo entre os apoiantes do governo. Não dão a cara. Isto vai fazer cair a maioria.

— Não me lixes! — disse, agressivo. — Cair quanto?

Não podia manter-se em bicos de pés para sempre. Abanou lentamente a cabeça para enfatizar a precaução, o cabelo louro varria-lhe os ombros. — Há uma semana eu diria quinze, mais ou menos. Agora... calculo que seja pior — respondeu. — Talvez muito pior.

— Meu Deus, não pode ser pior! Nós apoiámos esses filhos da mãe, eles têm de nos dar lucro.

Tu também tens de dar lucro, pensou. Todos eles sabiam qual era a posição do editor-chefe: estava no meio de um dos maiores pântanos de Fleet Street. A única convicção política de Preston era que o seu jornal não se podia dar ao luxo de estar do lado dos vencidos, e essa nem sequer era a sua opinião pessoal, mas sim a responsabilidade que lhe atribuíra Benjamin Landless, o novo proprietário londrino. Uma das suas poucas qualidades era o facto de não ser dissimulado, de não tentar esconder as suas opiniões, pelo contrário, exibia-as publicamente. Como gostava de referir à sua já insegura equipa, graças à política de concorrência do governo era mais fácil comprar dez novos editores do que um novo jornal. — Por isso não vamos cagar em cima do governo e apoiar o outro lado.

Landless era um homem de palavra. Tinha posto o seu crescente batalhão de jornais à disposição do governo e a única coisa que queria em troca era que o governo tivesse um bom resultado eleitoral. Aquilo não era razoável, claro, mas Landless nunca considerou que ser razoável fosse um incentivo para que os funcionários dessem o seu melhor.

Preston estava a olhar para a parede de televisões, à espera de melhores notícias. Mattie voltou a tentar. Sentou-se num canto da grande secretária do editor, ignorando a pilha de sondagens de opinião em que ele confiava cegamente, e defendeu o seu caso: — Ouve, Grev, recua um pouco. Quando finalmente se acabou o tempo das malinhas de mão da Margaret Thatcher e ela foi forçada a retirar-se, toda a gente queria uma mudança de estilo. Queriam uma nova moda. Qualquer coisa que fosse menos abrasiva, menos dominadora; estava tudo farto de ser julgado por Deus e desmascarado por uma mulher horrível. — Tu devias compreender isto, pensou. — Então, com toda a sua sabedoria, escolheram Collingridge, pela simples razão de que ele se mostrava confiante na televisão, era simpático para as velhotas e não revelava indícios de ser controverso. — Encolheu os ombros depreciativamente e continuou: — Mas esqueceram-se do mais importante. Aquilo é política de pudim, sem energia, sem entusiasmo. A campanha dele não teve mais força do que um teatrinho de escola. Mais sete dias a ouvi-lo dizer banalidades e acho que até a mulher dele teria votado nos outros. É preciso uma mudança.

Preston desviou o olhar dos ecrãs e estava a coçar o queixo. Finalmente parecia estar atento. Pela décima vez nessa tarde, Mattie pensou se ele usaria laca para conseguir manter o cuidadoso penteado tão impecável. Suspeitava que por baixo do cabelo estivesse a surgir uma clareira. Tinha a certeza de que ele penteava as sobrancelhas.

Ele voltou ao ataque. — OK, vamos deixar-nos de misticismos e olhar para os números. Pode ser? Quem vai ter a maioria? Eles voltam ou não?

— Só uma pessoa imprudente diria que não — respondeu Mattie.

— E eu não tenho vontade nenhuma de ser imprudente, Mattie. Qualquer tipo de maioria me serve. Que diabo, nestas circunstâncias seria um feito e tanto. Seria histórico, de facto. Quatro vitórias seguidas, nunca aconteceu. Portanto, a primeira página fica.

Preston deu imediatamente por encerradas as suas instruções, enchendo uma taça de champanhe, tinha uma garrafa guardada na estante. Não lhe ofereceu. Começou a revolver papéis para pôr fim à conversa, mas Mattie não era assim tão fácil de afastar. O seu avô fora um viquingue dos tempos modernos que nos tempestuosos meses do início de 1941 tinha navegado pelo mar do Norte num barco de pesca abandonado para fugir aos nazis e alistar-se na RAF. Mattie herdou dele não apenas o seu aspeto escandinavo mas também uma teimosia nem sempre recomendável diante de homens pouco espertos. Mas enfim!

— Para só por um momento e pergunta a ti próprio o que poderemos esperar de mais quatro anos de Collingridge — espiçou Mattie. — Tinha um programa eleitoral tão oco que voou na primeira semana de campanha. Não apresentou ideias novas. O único projeto que ele tem é cruzar os dedos e esperar que nem os russos nem os sindicatos façam muito barulho. Achas mesmo que é disso que o país precisa?

— Elegante com as palavras, como sempre, Mattie — disse num tom paternalista, criticando-a uma vez mais. — Mas estás enganada. O cidadão comum quer estabilidade, não quer agitação. Não quer ver os brinquedos a voar cada vez que leva as crianças à rua. — Levantou o dedo como um maestro que recupera um músico que está a fugir do tom. — Portanto, dois anos de cerveja morna e de críquete não vão ser nada maus. E o nosso amigo Collingridge novamente em Downing Street vai ser maravilhoso!

— Vai ser um crime! — resmungou, virando-se para a saída.